DELÍRIO HÚNGARO

Nuno Brito

edita·me

Cassandra

Num sábado de oração na Sinagoga grande, o rabino disse
«O milagre não é uma laranja tornar-se cúbica, o milagre é as laranjas já serem esféricas»
Nada era melhor do que aquela pedra.
Algumas horas. Devia fazer isso com todas as coisas.
Às vezes não é preciso tanto tempo, 12 minutos a olhar para um semáforo avariado e torto e já nada é mais bonito do que um semáforo a cair!

A cidade está cheia de medo.
Nestes dias antes da tua morte, a cidade ficou cheia de medo de nós.
Os muros pareciam precisar de ajuda
Os prédios não conseguiam suportar mais os seus habitantes.

Fez-se um silêncio pleno …
Um silêncio Grande,
Como quando dez mil camiões buzinam ao mesmo tempo.

Tanta calma … Percebemos logo Tudo.
Aprender num dia mais do que no anterior
Como a minha mãe me disse, ou foi o meu filho?
O tumor está a alastrar-se a toda a cabeça! – Gritou alguém ao megafone.
Cassandra!
Está tudo a correr bem!
As laranjas são redondas ainda. Tudo é tão leve…

Queria tanto beber do teu leite.
Tu empurravas-me a cabeça e rias-te.
Acendias um cigarro.
O teu corpo era a minha casa.

Quero abraçar todos os homens e mulheres.
O Abraço supremo que abarca toda a humanidade com os braços grandes de uma mãe.
Os cantores de que tu gostavas estão agora mais vivos.
As canções na rádio sabem a leite estragado.
Calma, foi apenas o fim do mundo.
Tudo o resto continua…….

O carro funerário ia muito devagar
Foi tudo tão alegre … Uma alegria Aguda
Que entrava dentro de nós
Como uma viga de ferro a cair-nos na cabeça
Uma felicidade sufocante que ecoava pelo Universo naquele sábado de sol
Cassandra
Só um som ou uma ideia
Só uma PALAVRA

Felicidade Suprema

Cuidado! Vem aí a Felicidade Suprema.
Tocaram os cornos de carneiro, Boiiiiuummnn!!
Calma!
É só como levar com uma grua em cima,
Como estar dentro de um sino a levar marteladas,
Como ser atropelado por um camião.
A Felicidade é violenta.
Ela vai cair em cima de nós,
Vai crescer dentro de nós.
Vai fazer nós dentro de nós.
Ninguém vai conseguir escapar.
A Alegria vai nos magoar tanto!

Allegro nº 1

Olha! Inventaram as estrelas
E criaram os pântanos,
E girafas, touros e zebras!
Há laranjas redondas para serem comidas!
Há cegonhas e baleias,
Pinguins e elefantes!
Há também elefantes de duas patas e sem tromba
Com dois braços e com pêlos no cimo da cabeça
Que falam como papagaios.
Obrigada Deus maluco!
Pela eterna loucura que nos deixaste.

O Riso

Nós precisamos do teu riso

Deus precisa do teu riso

É a única coisa que lhe tira realmente a sede

Pensa em Deus como um velho dentro de uma ambulância

A ambulância a apitar no meio da cidade, no meio do trânsito

Ainda falta muito para chegar e já Deus perde o pulso,

Pensa num Deus cheio de vida, pronto para nascer a cada instante.

Põe-te nas mãos dele. Depois dorme. Dorme realmente.

Nunca dormiste até hoje. Está na altura de descansares.

A Zebra Infinita

A zebra entrou no grande Templo.
Andou em direcção ao fogo sagrado mantido vivo pelas doze sacerdotisas.
Viu-as nuas a trazerem bocados de madeira.
Uma delas tratava do incenso.
Aquele cheiro drogava a Zebra que sentia a cabeça a andar à roda.
Uma parte dela estava adormecida.
Noutra parte o som de um martelo mantinha a cabeça alerta e alucinada.

Seguiu em direcção ao fogo, contornou as últimas colunas e saiu cá para fora. Cada vez mais excitada com as brincadeiras das sacerdotisas.
À sua saída ficaram espalhadas riscas brancas e pretas por todo o lado.

Muito depois em África, a zebra lembrava-se do templo cheio de fogo e de mulheres a comerem figos, a compartilharem-nos consigo.
A pintarem com polpa de figo as manchas brancas do seu corpo.

A estátua de um Deus em bronze olhava para a zebra.
Um dia a estátua teve uma enorme necessidade de rir e foi aí que tudo aconteceu.
A estátua partiu-se ao meio.
Um sismo violento partiu todas as colunas.
O tecto veio abaixo.
As virgens conseguiram fugir com vida.

Permaneceu uma zebra perpétua dentro do templo.
Sempre dentro do edifício.
Ao mesmo tempo ali e em todos os outros lugares.

O historiador debruça-se sobre este facto preciso.
Não é nem tempo nem espaço o que ele quer.
São pessoas. Sim!
Sente-se pouco humano e precisa do sangue de todos.
De homens e zebras.
O historiador precisa de engoli-los.

Sente uma enorme necessidade de queimar todos os livros e entrar dentro dos braços de cada ser humano.
Quer ser injectado em todos os braços,
Precisa de sentir a pulsação de todos os homens.
Apalpar o braço a todos eles.
Ouvir o bater de todos os corações. Só depois é que consegue dormir.
Uma bomba nuclear explode dentro dele todos os dias. É isso que o acorda!
O historiador regista esse facto todos os dias num bloco de notas.
Eternamente vai registar todos os factos no seu bloco com uma precisão milenar.

A estátua estilhaçou-se em bocados de riso.
Minúsculos fragmentos que se dissolvem pelo Universo.
Por todo o lado esse riso quente e forte!
Às riscas, tal como tu!
Esses fragmentos de riso estão dentro de ti,
Quente!
Como uma bomba feita de pregos e gasolina.
No momento da detonação, o universo expande-se cada vez mais.
Branco e preto!
Uma gargalhada forte a propagar-se pelo ar de uma sala.
Na altura da detonação o teu riso cria novas estrelas
Novos Planetas, Tudo!

Sente a tua mão a passar-lhe no pêlo …
Invoca a memória certa e nunca mais pararás de te rir!
Com a tua mão, olhos fechados,
Distingue o pêlo branco e o pêlo preto.
Mais macio e menos macio.
Como um Deus malhado!
Cria-o à tua medida.

Leituras de Domingo

Vi naquele dia 500 bispos nus a correr pela praia. Mãe!! Mãee!!
Os bispos vinham lá de cima, do tempo futuro, saltando para trás a correr como sapos.
Houve uma altura em que caí num poço cheio de água,
Quando ia a cair reparei que o poço não tinha água nem tinha fundo.
Continuei a cair durante vários meses e fui sair do outro lado do mundo.
Encontrei lá uma coisa muito estranha!
Uma mãe! Uma mãe igual a ti que me disse que também era minha mãe. Depois explicou-me que um homem decente tem que ter pelo menos mil mães que olhem por ele.
Os califas de Bagdade tinham no Harém do seu palácio 5.000 mães, todas elas suas, que os amamentavam até eles serem já velhos e lhes contavam histórias bonitas antes de adormecer.
Mas que raio vem a ser isto tudo?
Onde estão os moralistas com voz de corneta que nunca mais aparecem para colocar um fim a toda esta situação?
Onde estão os apocalipses prometidos pelos falsos profetas?
Mãe!! Explica-me o mundo, pelos livros não chego lá.

Nuno Brito nasceu no Porto em 1981. É Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Está neste momento a fazer o Mestrado em História Medieval e do Renascimento na mesma Faculdade, onde frequenta também o curso de Teoria da Literatura.

Integrou a Mostra Nacional Jovens Criadores 2008, na categoria de literatura, participando na antologia "Jovens Escritores 2008" do Clube Português de Artes e Ideias. No mesmo ano obteve o primeiro lugar no concurso literário AE/FLUP na categoria de Poesia e na edição de 2009 do mesmo concurso, o primeiro lugar na categoria de Conto.